

coimbra e coração de um filho mais amado como era de Rocha Peixoto.

Allude ao pedido que a Povoza de Varzim fizera á familia enlutada justificando a razão por que os restos mortaes deviam ficar eternamente junto dos povovenses.

Terminou agradecendo á todas as pessoas e corporações que, com a sua presença, honraram aquella grandiosa homenagem.

O sr. dr. Antonio Silveira falla da fundação e dolorosa impressão que a morte de Rocha Peixoto operou em todos quantos o conheciam e admiravam.

Terminou pedindo a Deus que proteja esta terra e que n'ella de cance em paz o saudoso amigo.

O sr. dr. Caetano de Oliveira falla com saude de seu querido companheiro de escola e põe em relevo todo o seu valor como escriptor, homem de sciencia, e como chefe de familia, alludindo largamente ao interesse que sempre dedicou ao torrão onde nasceu.

O sr. dr. Eduardo Fimente descreve a ultima entrevista com Rocha Peixoto e relata o seu desanimo, ante a impossibilidade da realisação da sua obra. Cita as derradeiras palavras do seu grande amigo: 'Tão novo ainda, não me apressei. Trabalhei com ênfase durante vinte annos e accumulei todos os materiaes da minha obra e morro, e morro que bem o sei, sem poder realisa-la.'

Esse fora o unico objectivo da sua ambição, e até esse sonho, por desgraça se desfez! Cruel ironia do destino!

Rocha Peixoto pertenceu a essa geração academica que dispousu por 1890 e cuja caracteristica foi o espirito do insubmissão, iconoclasta, demolidora e revolucionaria.

Dentro d'esses moldes, quando a vida se lhe diffundiu ao ponto de, com o seu trabalho, ter de angariar o sustento dos seus bellos espiritos fundou a Sociedade Carlos Ribeiro,

Na Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes», organo da agremiação, se feriu a primeira lucta contra a rotina do ensino e a falta d'orientação educativa portugueza. Essa campanha fruiu resultados assignalou-lhe o logar de preparador no museu de sciencias naturaes na Academia do Porto. Com a sua entrada para a Bibliotheca Municipal, desenvolveram-se rapidamente as suas largas aptidões. Numa serie de artigos magistraes sobre a 'Terra Portugueza' se fixou a verdadeira orientação do seu espirito; e, enveredando pelo caminho da ethnographia, com a fundação da 'Portugalia', deixou o seu nome vinculado á trabalhos primicias, divididos pelas tres secções que seriam a sua obra: 'A serra, a ribeira e o mar'; 'Restam as monumentaes monographias, epigraphadas com os titulos «As olarias de Prado», «As filigranas» e «Os palheiros do littoral».

As tendencias democraticas levaram-no a escrever o 'Regimem communitarista em Portugal', espelho vivo da independencia do povo portuguez, afferrado na idade média nos seus foraes e regalias. Depois um sem numero de notas e observações de memorias e artigos vieram enriquecer a nossa litteratura scientifica. Notabilisou-se em Rocha Peixoto o purismo attico da sua linguagem, o contorno ductil e elegante da sua phrase, o relevo especial do seu modo de dizer.

Nunca se escreveu sciencia com tão apuradora educação.

Outra faceta ainda da sua modalidade psychica: Rocha Peixoto foi um duro combatente. Contrastava a firmeza da argumentação, a valentia tensa com que atacava os seus adversarios, o afincio que esmorecia n'uma benevolencia indulgencia só quando o inimigo cahia prostrado e morre aos pés do vencedor, contrapondo-se ao seu franzino ser, ao seu peito em roca, e aos seus membros delgados, corpo onde só a cabeça dominava imperial, espelhando viveza e reflexão.

Como amigo, ou não conheci ninguém mais leal nem mais devotado. Quando uma desgraça teria algum que lhe era caro, por muito longa que houvesse sido a ausencia, logo elle apparecia consolador, tão generoso, tão bom e tão amavel, que nunca do coração agradecido se afastará a sua memoria grata.

Conclue o orador: 'Eu o amei pela constancia das suas opiniões; eu o amei pela excellencia das suas virtudes; eu o amei porque, n'uma sociedade de scepticos, Rocha Peixoto acreditava na efficacia do seu trabalho, na regeneração da sua Patria e no civismo de muitos portuguezos. E tinha razão. Testemunha-o a Povoza com esta extraordinaria manifestação. Parece que resuscitou a Hellade na consagração de alguns dos seus filhos bem amados.

Rocha Peixoto repou-

sará, pela piedade dos seus contreraneos, na terra que o viu nascer e que elle amou com entranhado affecto, soo a caricia luminosa de um céu amado e embaldado pelo marulho das vagas, ecco dorido da nossa mensagem, da nossa profunda saudade.

Por fim falla o sr. Rinaldo da Silva Gomes, alumno da Escola Industrial Infante D. Henrique, que profere uma allocução enaltecendo as qualidades do illustre homem de sciencia e do professor dedicado e dizendo-lhe o ultimo adeus.

Depois organisou-se o ultimo turno, composto das seguintes pessoas, que seguraram ás borjas até á porta do jazigo: dr. Pedro Guimarães, presidente da Sociedade Martins Sarmento; dr. Leal Sampaio, dr. João Pedro de Souza Campos, Dias Cardoso, Manoel Alves Viana e Alfredo Alves dos Santos.

Durante os discursos as bandeiras das associações locais rodearam o feretro, acompanhando-o depois até á capella-jazigo da familia Santos Jago, cujo pavimento estava coberto de petalas de rosas, tendo accessas as velas do respectivo altar.

O cadaver foi encerrado no primeiro compartimento da direita, collocando-se-lhe exteriormente uma linda guarnição de flores naturaes.

A concorrência ao cemiterio foi enorme, tornando-se difficil a entrada, depois que passou o feretro.

Foi-nos impossivel approximar dos oradores, motivo porque é provavel não termos feito um extracto fiel dos discursos, que produziram em todos a maior impressão.

Notas Diversas

A concorrência á gare d'esta villa foi extraordinaria, não dando logar a tomar-se nota individual de todas as pessoas presentes.

A representação de Villa do Conde foi distincta e produziu impressão, por provar o procedimento lidalgo d'aquella villa, ponto de parte suppletos representamentos, que muitos espiritos mesquinhos teimam em afirmar que existem. D'aquella villa vieram os sr. Theogoras Xavier de Castro Figueiredo de Faria, dr. Antonio Alexandrino Pereira d'Andrade, dr. Manoel da Cunha Reis, dr. Joaquim D'as do Socorro, dr. Antonio Francisco da Silva, dr. Antonio Maria Pereira Junior, dr. José Ferreira da Silva e Sá, dr. Manoel Moreira Britão, dr. João Pereira Galvão, rev. José Praça, rev. Manoel Gomes de Lima, rev. Manoel Maria d'Assumpção Pereira, Antonio Lopes Pereira Cadeuco, Thadeu Enrico Pereira Novaes, Joaquim Feisimino da Cruz Gomes, José Maio Pereira Sobrinho, Antonio e João Gomes de Lima e Alfredo Antonio Pereira. Acompanhou estes cavalheiros o illustre jornalista e distincto homem de letras sr. Emygdio d'Oliveira.

Alem das representações que já nomeamos havia mais as seguintes:

Conselheiro Luiz de Magalhães, ministro d'estado honorario; dr. Sá e Oliveira, rev. do lyceu de Lagos de Lisboa; Ricardo Malheiros dr. Leopoldo de Vasconcelos, professores do mesmo lyceu—pelo sr. dr. David Alves. Dr. Feis Santos, presidente da Liga da Educação Nacional de Lisboa, pelo sr. Julio de Mattos.

O Museu da Figueira

pelo sr. Nestorio Dias. O sr. dr. José Machado, illustre archeologo em Braga, pelo sr. dr. Manuel Monteiro.

O jornal «A Auto», pelo sr. Miguel Motta.

Os sr. Antonio Augusto Gonçalves, da Escola Industrial de Coimbra; Gonçalo Sampaio, distincto naturalista; e dr. Paulo Marcellino Dias de Freitas, director do Instituto Industrial Commercial do Porto, fizeram tambem representações por diversos cavalheiros.

O sr. José Maria Monteiro Ferraz, escriptor de lenda do concelho capital do distrito de Beja, fez-se representar pelo rev. José Silva, capellão do Hospital, a quem dirigiu uma carta pedindo com toda a instancia essa representação.

O sr. Antonio Faustino d'Andrade, tambem do concelho do Baixo, tambem se fez representar pelo seu collega d'esto concelho, Sr. Alberto Silva, a quem dirigiu uma carta prestando tocante homenagem a Rocha Peixoto.

E o distincto professor sr. Barbosa Gama, do Porto fez representar pelo sr. Prior d'esta villa, a quem pedira telegraphicamente essa representação.

A camara municipal, na sessão da ultima segunda-feira, por proposta do seu presidente, aprovada por aclamação, resolveu que fosse archivada a mensagem lida pelo representante da familia Rocha Peixoto, sr. dr. Manoel Monteiro, quando se fez a entrega do cadaver; que se concedesse á mesma familia a concessão do cadaver; que se agradecesse ao ex.º governador civil, camaras do Porto, Villa Nova de Gaya e Bouças, á imprensa, corporações scientificas, autoridades e funcionarios, associações, amigos e admiradores do morto a sua comparencia e inculpação ao cortejo.

Que se lançasse na acta um voto de louvor a todo o povo da villa pela forma correcta como demonstrou a sua admiração e estimo por tão illustre povovense.

Que cumprindo erguer um mausoleu, para guarda das cinzas de Rocha Peixoto, e fazer construir na praça do Almada, o obelisco por elle indicado para honrar os vultos que mais honraram o povo, resolveu mais a camara, unanimemente approvando a proposta do seu presidente que se incluise no organo do corrente anno a quantia de 100\$000 reis e egual quantia no do anno proximo e que fosse, para o mesmo fim, aberta uma subscripção publico, constando-nos que na lista d'essa subscripção figura já um importante donativo.

Na Academia de Sciencias de Portugal, em sessão de 11 do corrente, houve um voto de profundo sentimento pela morte de Rocha Peixoto, sendo feita o elogio da sua valiosa obra e aegras qualidades pelo sr. Theogoras Xavier de Castro Faria, Costa Ferreira e Antonio Cabreira.

A mesma Academia não se fez representar no funeral, como desejava, por não ter recebido o respectivo convite a tempo, em virtude d' extravi do officio da camara.

A familia de A. A. da Rocha Peixoto agradece cordalmente a todas as autoridades, corporações e amigos do finado que, directa ou indirectamente, se associaram á sentida e profunda manifestação tumbre promovida pela Ex.ª Camara da Povoza de Varzim, em homenagem ao saudosissimo extincto.

ROCHA PEIXOTO
HAZ um anno em agosto que, no local da nascente das aguas mineraes do Peso de Melgaço, encontrei o abalissado homem de sciencia A. A. da Rocha Peixoto. Feitos os meus cum-

primentos, a que elle correspondeu, risinho, com um acolhedor viva, amigo, perguntou-me logo noticias da sua terra, e, em seguida, quiz que eu lhe dissesse o motivo que me levava ali. Disse-lho; e como quer que ella visse em mim symptomas de neurasthenia, aconselhou-me a que viajasse e visasse de preferencia lugares, onde ha muito que admirar e aprender.

Se eu quizesse, elle mesmo me daria o itinerario e diria as obras que eu devia ler, antes de ir, para ver melhor. Ao tempo estava na pittoresca estancia de aguas minhotas um consideravel medico de Chaves, o dr. Teixeira de Sousa, com quem Rocha Peixoto fallava muito e de que o saudoso extincto me disse depois pelo seu feito gracioso e leal de transmittido.

Dias depois appareceram, um quasi após outro, primeiro o dr. Silva Gago, secretario da Universidade de Coimbra e festejado homem de letras, e, posteriormente, o distincto pintor portuense Antonio Carneiro, que Rocha Peixoto cumulava de attentões, tratando-o como a pessoa de valor e a que se rende culto.

Todos os dias, de manhã e á tarde, á hora de tomar as aguas, era certo o grupo dos quatro em animada palestra, palestra que só se interrompia para confortar o estomago e para dormir.

Ordinariamente, quem mais fallava era Rocha Peixoto.

Erudito e fluente, dispendo, como se sabe, de uma somma enorme de conhecimentos bem assimilados e, o que não é vulgar em homens de sciencia, expando tudo com muita facilidade e clareza, todos o ouviam com manifesto prazer, e só se separavam quando elle dizia que ficava interrompida a sessão por tantas horas, isto é, o espaço de tempo decorrido desde o almoço até á hora de tomar a agua, de tarde, e desde o jantar até o dia seguinte, de manhã cedo.

A's vezes a sessão interrompia-se por momentos. Era quando se effectuavam digressões de recreio e de estudo, mas mais de estudo que de recreio, aos templos romanos do concelho de Melgaço e de Monção. Neste: a matriz da villa e a igreja de S. João de Longos Valles; e n'aquelle: a matriz da villa, a igreja de Paderna e a capella de Nossa Senhora da Ourada.

Como é obvio, essas digressões, de que já mais me esquecerei, eram planejadas pelo insigne portuguez Rocha Peixoto e feitas por elle, os cavalheiros acima citados e pelo auctor d'estas linhas, ao grupo dos quaes Rocha Peixoto graciosamente chamava a Academia.

Amado o seu paiz como poucos, Rocha Peixoto todo se deliciava e empenhava em nos interessar pelas nossas coisas de arte, mormente por aquellas que, no dizer do sr. dr. Manoel Monteiro, «constituem os testemunhos coevos, solemnes e

sympathicos do desabrochar da nossa nacionalidade».

Por isso era de vêr o carinho e o entusiasmo com que o illustre homem de sciencia prelecionava sobre os caracteristicos do estylo românico nos templos que visitavamos, e a sincera indignação com que elle verberava a obra de barbaros restauradores, quando acaso n'esses monumentos se lhe deparavam semelhantes provas de falta de educação civica e carencia de perfeito sentimento artistico, já mais vigosa e plenamente desenvolvido entre nós por virtude de innumeráveis vicissitudes de caracter ethnico e politico» (M. Monteiro S. Pedro de Rates).

Onde quer que se encontrasse, não deixava o notavel scientista de chamar a atenção dos que o rodeavam para o que lhe parecia digno de apreço e de veneração.

Uma vez, no alto do castello de Melgaço, onde subiu a Academia, para gozar o lindo panorama que d'ali se descobre e, sobretudo, para se remontar a uma época em que a força era tudo, Rocha Peixoto, em conversa com dois padres que lá estavam, disse-lhes que elles podiam fazer muito em prol da conservação do nosso «espolio artistico sobrevivente do passado», oppondo-se a que as juntas de parochia, na sua furia innovadora, ultrajassem, ultrajando o que tão digno é de respeito.

Dotado de invulgares faculdades de trabalho e de uma força de vontade inquebrantavel, nem mesmo ali, n'aquella estancia, onde os outros vão apenas para fazer a sua curação de aguas, era Rocha Peixoto de sciencia descansavel Foi lá que elle recolheu parte dos materiaes que opeultam o seu precioso trabalho o Communismo em Portugal», ha pouco publicado no *Princípio de Janeiro*, e que tão apreciado foi pelos seus admiradores.

Vendo-o, assim, todo votado á sua tarefa de gigante, quem diria que, em menos de um anno, elle succumbiria ao peso d'essa mesma tarefa, que afinal tão demasiada era para a sua complexão!

Ah! como, por vezes, é triste a realidade das coisas! Como é cruel!

Ainda ha pouco, nos primeiros dias de fevereiro, elle me disse em Matosinhos, onde o fui visitar, que era preciso que á Academia se reunisse este anno em Melgaço para continuarmos as nossas palestras e as nossas digressões, e nem pelo cerebro me passou a ideia de que era essa a penultima vez que eu o via vivo!

formoso espirito de eleição

Com a sua morte, que se pode considerar uma fatalidade, perdeu a Povoza de Varzim um filho insigne e prestado; a archeologia, a ethnologia e a ethnographia, especialmente, um desvelado e distinctissimo cultor; a familia e os amigos um amparo da villa e uma affeição sincera; e o paiz um verdadeiro patriota e uma das suas legittimas glorias scientificas.

Maio de 1909. A. D.

Offertas ao municipio

O estimado capitalista sr. Manoel Antonio Gomes de Campos, d'esta villa, offereceu á camara municipal varias placas de ferro esmaltado, com os respectivos dísticos, para serem collocadas sobre as portas d'entrada para o tribunal da comarca e para as varias repartições publicas installadas nos pagos do concelho.

Os proprietarios dos predios situados entre a rua conselheiro José Luciano e a rua dos Ferreiros, por iniciativa do respeitavel capitalista sr. João Gomes de Castro, d'esta villa, prepararam á camara o fazer esta, a cimento, os passeios n'aquelle local, offerecendo elles os materiaes precisos e dando a camara apenas a mão d'obra. A camara accitou a proposta e ordenou o comago d'esses trabalhos, propondo o seu presidente que fossem louvados aquellos proprietarios, pelo seu valioso donativo.

São muito para registar estes actos de benevolencia e exemplos de civismo; e é com a maior satisfação que d'ellos damos publicidade.

Brevemente nos referiremos a outras ofertas importantes feitas ao municipio, e que, honrando os offereentes, merecem ser apontadas como lição de patriotismo.

A Arte

Está em exposição, na mostra do estabelecimento de fazendas do nosso amigo sr. Manoel José Martins, o «Leão d'ouro», á rua da Junqueira d'esta villa, um magnifico retrato a óleo do Mestre Sergio, patrão do salva-vidas, com o seu garboso falo, dominguelo, e que se destina a galeria dos Benemeritos do Real Instituto de Socorro a Naufragos, com sede na capital.

Na redacção do nosso colega «A Propaganda» tambem está em exposição outro retrato da saudosa sr.ª D. Rosa Landolt, feito pelo mesmo processoe.

Estes dois magnificos trabalhos, onde se nota uma perigosa niudez, são obra do laureado photographe da Casa Real, sr. Avelino Barcos, que a elles se revela um distincto artista, e que, n'aquelles trabalhos, nos mostra a arte em toda a sua pujança. Ao nosso prezado amigo vão os nossos parabens sinceros pelo magnifico trabalho que apro-